



M.<sup>lle</sup> MARIA DO SOCORRO BASTOS

(Cliché da Fot. Londres, Lisboa.)

Distinta amadora de canto, discipula do maestro sr. Artur Trindade.

Segunda série — N.º 467

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRACA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.<sup>DA</sup>  
Editor: José Joubert Chaves

Edição semanal do jornal  
**O SECULO**

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição  
e impressão: RUA DO SECULO, 43

|              |             |               |
|--------------|-------------|---------------|
| Trimestre... | 1\$20 cent. | Numero avulso |
| Semestre...  | 2\$40       |               |
| Ano.....     | 4\$80       | 10 centavos   |

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

# Companhia do Papel do Prado

SOCIÉDAD ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

## CAPITAL

|                                          |              |
|------------------------------------------|--------------|
| Ações .....                              | 360.000\$000 |
| Obrigações .....                         | 323.910\$000 |
| Fundos de reserva e de amortisação ..... | 266.400\$000 |
| Réis .....                               | 950.310\$660 |

Sede em Lisboa. Proprietaria

das fabricas do Prado, Marianaa e

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Al-

bergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos

de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua indus-

tria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de im-

pressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para

fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contin-

ua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes

e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais im-

portantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

Lisboa—270, Rua da Princeza, 276

Porto—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

SAUDE, FORÇA, ENERGIA

Moistias dos Paizes quentes.



## A' VENDA

# Almanaque Ilustrado d'O SEculo

## PARA 1915

A' VENDA

A marca REMINGTON-UMC estampada n'uma arma  
ou cartucho significa confiança, segurança e satisfação



Todos os homens devem familiarisar-se com o manejo de um rifle desde os primeiros dias da sua infancia. Para ensinar creanças deve-se escolher uma arma segura, leve e de precisão. Um pae prudente lerá a precaução de fornecer a seu filho um rifle de repetição REMINGTON-UMC Calibre 22, e pôde-lhe explicar facilmente as qualidades vantajosas d'esta arma comparada com as dos outros fabricantes, expressando-se pouco mais ou menos nos seguintes termos:

A culatra solida conserva o mecanismo limpo e evita que os gazes da arma escapem e irritem os olhos.  
O cão invisivel protege-te contra disparos casuaes, e não se pôde prender nos ramos ou outros obstaculos.  
A acção da corredeira Pe mite tiros successivos e rapidos, sem ter que se tirar a arma do hombro.  
O expulsor lateral atira o cartucho vazio para o lado sem passar pela linha visual nem sujar a roupa.  
O botão de segurança e uma precaução contra disparos accidentaes, porque te cha firmemente o mecanismo.  
O desarme e a limpeza podem fazer-se mais facil e eficazmente. O rifle pôde-se desarmar sem a ajuda de ferramentas e pôde-se limpar pela culatra.

Os melhores cartuchos Os mais afimados, de segurança e precisão são os REMINGTON-UMC fabricados pela mesma companhia.

Todas as armas REMINGTON-UMC gosam das importantes e belas qualidades acima descritas. O rifle de repetição REMINGTON Calibre 44 é o mais adaptavel para as Colonias e o Brazil.

Escrevam-nos pedindo um catalogo em portuguez. Este envia-se gratis. Contem informação valiosa e importante para os comerciantes e atiradores.

## REMINGTON ARMS — UNION METALLIC CARTRIDGE CO.

### 299, Broadway, NEW-YORK

Agentes no norte do Brazil: **LEE & VILLELA**, Caixa Postal 421, S. PAULO — Caixa Postal 183, RIO DE JANEIRO.

Agente no territorio do Amazonas: **OTTO KUHLEN**, Caixa Postal, 21 A — MANAOS

Agente em Portugal: **G. HEITOR FERREIRA**, Largo de Camões, 3—LISBOA



Rifle Remington Calibre 44



(44 REMINGTON WCF)

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 467

1-2-1915

## O Papa negro

Realisa-se amanhã em Roma a eleição do Geral dos Jesuitas. O cargo encontrava-se vago desde a morte do erudito padre Wernz, falecido no mesmo dia e quasi á mesma hora em que succumbiu Pio X. Cada uma das vinte e quatro provincias da Ordem enviou a esse consistorio negro o seu provincial e dois irmãos discretos. Setenta e



dois padres vão eleger o prelado ignaciano. Na situação em que se encontra a Europa, dividida pela mais sangrenta das guerras, as grandes forças espirituas cresceram em valor. Isso justifica as diligencias de caracter diplomatico empreendidas pelo Kaiser para que o novo Geral seja um alemão ou um austriaco, e a politica mais ou menos capciosa feita pelo Vaticano, para que, eleito o padre italiano Tacchi, o Papa negro se reduza a uma simples sombra do Papa branco.

## Moeda falsa

Os jornaes noticiam que vae por estes dias ser lançada na circulação a nova moeda de um escudo, e que o lucro resultante para o Estado d'essa amoeção deve exceder tres mil contos. Eu não sei se o *Pé de Cêra* é lido em economia politica, *«cette science ennuyeuse»* em que fala Thiers; mas se o illustre moedeiro falso, agora fugido dos calabouços do Governo Civil, leu esta noticia, deve ter feito sobre ela amargos considerações. Evidentemente, — pensará ele —, se o Estado lucra com a amoeção da prata, é porque cada moeda de prata fabricada pelo Estado vale menos do que o valor que representa; e, por conseguinte, a moeda legal, que corre como verdadeira, é, afinal de contas, moeda falsa. Ora se ao Estado é permitido fabricar moeda falsa em grande escala, — porque o prendem a ele, fabricante modesto, dispondo de pequenos capitais e ainda no principio da sua industria? Porque o tratam como criminoso, — se ele é apenas um competidor? Tolstoi tinha razão. Não ha nada mais desconcertante para os homens honestos do que a logica de certos gatunos.



## O abade de Lobjrigos

O reverendo abade de Lobjrigos foi preso. Porquê? Desacatou a lei da separação? Conspirou? Atentou contra a segurança do Estado? Não. Raptou uma menina de 18 anos. Ignoro se este padre é pensionista. Ignoro tambem se, como tantos que conheço, está suspenso d'ordens. Mas tenho a certeza de que, mesmo preso, é a estas horas um homem invejavelmente feliz. Vivía sob a pressão da disciplina ecclesiastica; transportava consigo para toda a parte o ar viciado do seminario; trazia os olhos em alvo como o *Fra Timoteo* da *Mandragora*, o pescoço na volta de padre como um boi na canga, — e, de repente, ressurge, ilumina-se, ama, vive, exulta, trasborda, respira a plenos pulmões o ar perfumado da vida, tapa a corôa, rasga o breviario, insulta o bispo, atira a batina para cima dos moinhos, — e estou a vel-o, gordo, risonho, pensionista do Estado, passando em Lobjrigos o prazer inefavel, o viril orgulho e a infinita estupidez de ter, finalmente, uns grandes bigodes uma mulher exuberante e uma ninhada de filhos.



## Livros

Emquanto graves perturbações politicas dificultam a vida interna da nação, alguns cultores do Pensamento e da Beleza continuam, como abelhas tranquilas, a produzir o oiro do seu mel. João Grave publica a segunda edição do seu romance notabilissimo, os *Famintos*, por cujas paginas passa, como uma rajada, a alma selvagem de Gorki. Hipolito Raposo, n'um trabalho admiravel que honra a sua geração, o *Sentido do Humanismo*, chega ás seguintes conclusões: a Renascença foi prejudicial á beleza da nossa lingua; o humanismo unificou a cultura literaria e desnacionalizou a arte; o espirito classico, de sua natureza cosmopolita, neutralizando todas as tendencias de individualisação, anulou, em toda a Europa latina, o espirito nacional.



(Ilustrações de Manuel Gustavo).

JULLIO DANTAS.



# voluntaria

**A**BSORVEN-DO SE em fundas meditações, lendo febrilmente os filósofos e sociólogos, estudando sempre e passando insofritamente de umas teorias a outras, Miguel, ao fim de um longo trabalho mental e de reflexões demoradas em que a sua inteligência se comprazia, chegou a um resultado desalentador:— não compreendia a guerra! E, como a não compreendia nem encontrava no cérebro ou na alma, no pensamento ou na emoção, razões que a justificassem, considerava-a como a pior das tiranias, como o maior crime das sociedades organizadas.

— Porque não hão de os homens, seres perecíveis, seres transitórios, viver docemente os dias da sua efêmera existência, amando-se uns aos outros, estreitando-se no mesmo abraço de afeto e de concordia?— monologava. O mundo é vasto e ha n'ele espaços livres para todas as ambições, para todas as iniciativas, para todas as atividades.

Em vão lhe afirmavam que essa guerra por ele tão amargamente odiada era uma fonte de energia, de disciplina, de maravilhosas virtudes, de abnegação, de patriotismo, de solidariedade. Durante as batalhas fulgurantes, quando os canhões troam, crepita a fusilaria e os horisontes se cobrem de fogo, varridos por tempestades de ferro, forma-se entre os combatentes uma perfeita união espiritual em que florescem as rosas divinas da bondade, da piedade, do amor! Para convencêrem Miguel do seu erro, puramente sentimental, diziam-lhe que só a luta virilisa as raças, as dota de força, de heroicidade, de resistência, não permitindo que n'elas medre a flôr do egoísmo. Asseveravam-lhe que os povos que deixavam de combater durante muitos anos entravam n'uma decadência angustiosa, n'um crepúsculo em que todas as suas faculdades e todos os seus dons se apagam tristemente, acontecendo-lhes o mesmo que a certos insetos que, não se exercitando, não se vigorizando constantemente no voo, terminavam por perder as azas, rastejando dolorosamente. Miguel, porém, teimando com obstinação, exclamava:

— O homem pôde perfeitamente robustecer-se em lides nobres e fecundas e não matando o seu semelhante. Entendo que nenhum Estado tem o

direito de sacrificar a conflitos políticos a primaver humana da sua gente, a sua variável mocidade, que é a beleza, o genio, a vitória, o futuro! Nenhum dirigente deve dispôr da vida dos dirigidos.

— Nem para defeza da Patria?— perguntavam os seus contraditores.

— Nem mesmo para isso!— respondia Miguel com vivacidade. Moralmente, ninguém pôde tirar aos outros aquilo que é incapaz de restituir-lhes.

Os amigos com quem ele discutia estes problemas sociaes encolhiam com indiferença os hombros deante de tal tenacidade, e retiravam-se sorrindo e murmurando:

— Isso é um ponto de vista individual, fóra da realidade dos interesses coletivos.

— Pois será! Mas eu creio que estou na verdade!

— O que é a verdade? Já Poncio Pilatos fez outr'ora, n'um celebre momento historico, a mesma pergunta, e não encontrou quem lhe respondesse!...— atalhavam.

De resto, para Miguel, que devorára, n'uma ancia de saber e de curiosidade intelectual, todas as doutrinas avançadas da sociologia, a idéa da Patria era vaga, abstrata, imprecisa. Não a sentia com nitidez, profundidade e relevo. A Patria, para ele, era uma só, e n'ela movia-se, labutava, amava, sofria, toda a humanidade. A diferenciação das linguas, dos ideaes, das aspirações, das tendencias dominadoras, representavam méras convenções sem importancia, episodios futeis que se iriam diluindo no calor das modernas correntes orientadoras. Tratava-se apenas de preconceitos que vinham dos seculos distantes enraizando-se nos costumes, porque jámais se havia querido verificar o que n'eles existia de artificial e de absurdo. Para que continu-os, quando uma aurora de prodigiosa e clara luz vinha anunciando gloriosamente a emancipação dos escravizados?...

Cogitando sobre a ferocidade das pendencias armadas que arrojaram nos campos de combate, umas contra as outras, imensas massas de homens que se trucidam, se dilaceram com raiva, se destroem com furia n'uma hora de alucinação, Miguel, abalado por uma dôr moral intensa, pensava na intelligencia criadora, na emotividade artistica, no talento, na graça, na esperança esplendida que cada batalha custa á humanidade.

— Com efeito— monologava ele, no silencio do seu gabinete de estudo, entre brochuras— quantos poetas de estro maravilhoso e de inspiração ardente, quantos pintores, musicos, romancistas, esculptores, filósofos, politicos, cientistas— messe

de estupenda e libertadora abundância — caem, vaejados pela metralha, n'um só instante!

Sem a guerra que os manda marchar para a morte ou para as sangrentas chacinhas, esses sacrificados seriam os construtores incomparáveis de uma civilização vindoura, os propagadores, os apóstolos supremos de um verbo de luz que rasgasse às consciências e às almas sensíveis, novas e resplandecentes veredas de encanto e de progresso vitorioso, os reformadores, os inovadores, talvez os fundadores de outras religiões e de outras artes! Pois as balas abatem lugubrememente estes semeadores de beleza e de idéas, predestinados para nobilitar a espécie a que pertenciam! E porquê, porquê? Por uma rabugice de chancelarias, pelo capricho de um chefe de Estado, pelo mau humor dos diplomatas!... E o que me irrita é a passividade com que milhares de criaturas obedecem á voz que os manda avançar, sem coleras vingadoras, abandonando a felicidade dos lares onde nunca mais voltarão, as esposas, os filhos, as venturas familiares! Nenhum d'elles, ainda o mais violento e impulsivo, esboça um gesto de rebelião, que logo se atearia como o lume! Por mim — concluía Miguel convictamente — em caso algum pegaria em armas, para me bater, muito embora a Pátria estivesse em perigo — romantismo com que os estadistas astutos iludem os ingenuos. A minha Pátria não é, positivamente, o canto onde vivo, o lugar onde nasci, o pomar onde amadurecem as frutas que são minhas, o jardim onde desabrocham as minhas flores, a terra onde se fala a minha linguagem! E' o mundo habitado!... E todos os homens são meus irmãos!

Para retificar a certeza das suas palavras e das suas emoções, e na ansiedade de ver outros povos, outros paizes, outros costumes, outras cidades, outras civilizações, Miguel quiz viajar, completando assim a sua educação. Animava-o a confiança admirável de que, por toda a parte, ao contacto com a inumerável multidão humana, encontraria identica comunidade de sentimentos, a concordância de ideias congêneres com os seus, a generosidade, a simpatia, as abnegações sublimes, as afeições veementes. E tão forte era esta confiança que Miguel, ao sair do seu paiz no compartimento do comboio que o levava para longe, ao arquejar da locomotiva abrindo e fechando os seus pulmões de aço, não sentiu o coração apertar-se-lhe de saudade e de melancolia. Entrou com alarido nas tumultuosas Cosmopolis, sem que a nostalgia um só minuto o perturbasse. Visitou miudamente as grandes, prosperas nacionalidades, onde se trabalha sem fadiga e onde a miseria forma, ao lado da opulência, um sombrio contraste. Estabeleceu comparações deprimentes

para a sua Pátria. Durante semanas viveu n'um permanente delírio, n'uma agitação que o impossibilitava de coordenar pensamentos, de refletir, de observar as proprias comoções intimas... Mas, quando esta febre acalmou, uma sensação singular, até aí desconhecida, apossou-se-lhe do espirito, sobresaltando-o.

Na realidade, via-se completamente isolado, só, entre aquela aglomeração de gente que não era a sua gente, no meio de cenários ignorados da sua visão, presentindo que nenhum interesse emotivo ou mental o aproximava sequer de pessoas que nem o olhavam, que lhe não sorriam amigavelmente, que o acotovelavam nas ruas se ele parava diante d'uma «vitrine», que falavam dialetos a que não estava habituado! Em face das catedraes, dos monumentos suntuosos pela sua linha arquitetónica, nas bibliotecas, nos museus, nas universidades, começou a lembrar-se com inefável doçura das aldeias repousadas e loursas de sol da sua nação, das suas paizagens, das suas florestas, do azul transparente do seu céu. A' noite, nos hoteis, quando a escuridão baixava e o ruído se extinguia, Miguel experimentava um desconsolo indefinível que o alarmava. A solidão fazia-se mais pesada á sua volta e a inquietação exaltava-o. Levava as horas solitárias recordando, avivando impressões da sua Pátria longínqua, as guitarradas ao luar, os namoros sob as altas varandas, as reuniões onde se palestrava suavemente, os convívios simples decorrendo n'um enlevo...

A magnifica certeza antiga da solidariedade universal principiou a dissolver-se em Miguel, primeiro pela duvida e mais tarde por uma realidade que o assustou — depois que soube

que só o egoismo era geral.

— Se eu caísse para aí, a uma esquina, com fome ou doente, quem me ampararia e me alimentaria? Quem deteria, ao menos, os seus apressados passos ante o meu padecimento e a minha penuria?

A esta tortura, juntou-se uma outra. Na verdade, Miguel tinha a impressão bizarra de haver perdido a alma entre a turba estrangeira. Parecia-lhe que essa alma, andava por muito longe, desgarrada, vagabunda, alheada e triste. Então, não hesitou. Fazendo as malas, correu a uma estação do caminho de ferro, comprou bilhete e partiu para Portugal: — e a alegria que d'ele se exilará como uma ave emigradora e misteriosa, novamente lhe entrou no peito com uma brandura, uma suavidade, que a apaziguaram.

Ao reentrar na fronteira portugueza, aspirou com sofreguidão o ar patrio que vinha de longe impregnando-se de eflúvios, do cheiro das resinas, do aroma das rosas bravas, do tomilho rescedente-



te e do serpol. E oh! milagre celeste! Outra vez encontrou a alma—essa alma saudosa—só com falar com os seus compatriotas, com contemplar o riso sadio e candido das populações campestres. Nunca a Patria lhe parecera tão bela, como luz, como bucolismo, como repouso, como serenidade.

Seus olhos vislumbravam nos panoramas mais nús cores e formas ineditas. N'esse instante de iniciação e de revolução compreendeu, por fim, o que a Patria é para os homens que n'ela vivem livremente, fruindo direitos, cumprindo obrigações, impondo uma personalidade. Os que a não possuísem, conservando a lucidez do raciocínio e a finura da sensibilidade, seriam os seres mais desgraçados do mundo consciente. Nenhum orgulho, nenhuma finalidade, nenhum impulso nobre e elevado os conduziriam na existência incerta! A caminho de sua casa—que para ele possuía agora uma formosura—era maior do que o lendário Palácio da Felicidade, que tinha portas de ouro—Miguel ia considerando que a perda de uma Patria é o maior sofrimento que pôde tombar sobre a rez pensante. Com ela, perder-se-ia também a liberdade, toda uma historia épica, toda a razão de ser de uma raça. As próprias figuras

dos representantes, que foram desaparecendo nos abismos da cova, se apagariam como uma claridade que durante muito tempo oscilasse! E nenhum escravo que uma centelha de genio iluminasse, que tivesse nascido com um talento original e fosse o portador excelso da uma moral inedita, de uma inedita ciencia, de uma arte maravilhosa, conseguiria elevar-se acima da vulgaridade, submetido ao despotismo dos dominadores! A propria linguagem, toda uma literatura, toda uma tradição, perderiam! Como se arrendia agora, contritamente, dos seus passados desvarios humanitarios! E como eram erradas e vãs as doutrinas de que, espiritualmente, alimentou a sua juventude romantica!

O seu arrependimento era tão sincero e tão profundamente o influenciava, que d'al em deante desejou apenas uma occasião propicia para reparar a falta involuntaria cometida. Para ser, no seu paiz pequenino e socegado, uma individualidade util, casou, constituiu familia, lidou incessantemente, colaborando com a sua lide na prospe-

ridade nacional. Era cético e tornou-se um cren-te. Desdenhava o patriotismo e transformou-se n'um patriota exaltado, combatendo constantemente toda a ação amolecedora da vontade, toda a filantropia dissolvente da coragem, do heroismo, das qualidades guerreiras, todo o pessimismo que

produzisse desagregações. Aumentou a sua fortuna, rodeou-se de comodidades e de confortos e a vida, para Miguel, desliza-se sem um abalo, uma contrariedade, tão subtilmente que ele nem chegava a surpreender-lhe o tédio.

Um dia porém, a paz conturbou-se. Em remotas paragens que nos pertenciam, que eram a herança recebida de antepassados heroicos—esses antepassados que sobre os tombadilhos das fustas e das caravelas, escreveram de noite, sob as estrelas, a ponta de punhal, as paginas imorredouras da nossa historia—entrou o invasor. Miguel, imediatamente, se associou aos que bradavam pela desafronta. Acompanhava aos caes de embarque, eletrisado, gritando, agitando a bandeira da

Patria nas mãos tremulas, as tropas que iam repelir a invasão e regar com o seu fecundo sangue, em que vicejaria a flor escarlate do heroismo, o pedaço de territorio ameaçado. Durante semanas, o seu civismo ganhou mais ardor. Ah! era necessario que os adversarios fossem levados para longe, nas pontas das baionetas, sob o diluvio das balas!...

Em breve, porém, se espalhavam noticias funebres d'um revez inesperado para as armas luzitanas. Miguel lêu os jornaes com os olhos orvalhados de lagrimas de desespero. Amartotando-os entre os dedos, arremessou-os para longe e correu a casa, a dar um derradeiro beijo na mulher e nos filhos ainda crianças.

Era novo, era forte, tinha o dever de partir também para matar com furia, para morrer com gloria—se n'essa jornada formidável a morte o arrebatasse!

Os seus braços manejariam com dextreza uma espingarda, o seu peito seria uma barreira oposta aos adversarios, enquanto n'ele batesse um coração puro! Alistou-se como voluntario e seguiu na primeira expedição, feliz por ir bater-se pela Patria—ele que outrora a deprimira, alucinado por sentimentos que agora lhe pareciam monstruosos!...

JOÃO GRAVE.





O general sr. Pimenta de Castro, presidente do novo ministério, no seu gabinete do ministério da guerra, em 25 de janeiro ultimo, dia em que tomou posse de todas as pastas.—(«Cliché» Benoitel).

Caminhamos de surpresa em surpresa ao passo que nos vamos inteirando da maneira pouco escrupulosa, perante o direito das gentes, como os alemães invadiram o Cuamato e atacaram o forte de Cuangar. Nada pôde haver de mais traiçoeiro. Praticado por bandidos que na estrada atacam os viandantes, ainda poderia atribuir-se a malvadeza a instintos rudes e facinorosos; mas pelo exercito de umpaiz que se exhibia como que caminhando na vanguarda do progresso, e d'isso se jactava frequentemente, o caso muda de aspêto e não encontramos senão um termo para classificar: a cobardia. Quem espreguia de noite e ataca gente adormecida, não pratica um ato de ousadia, mas um ato sob todos os pontos de vista cobarde e traiçoeiro.

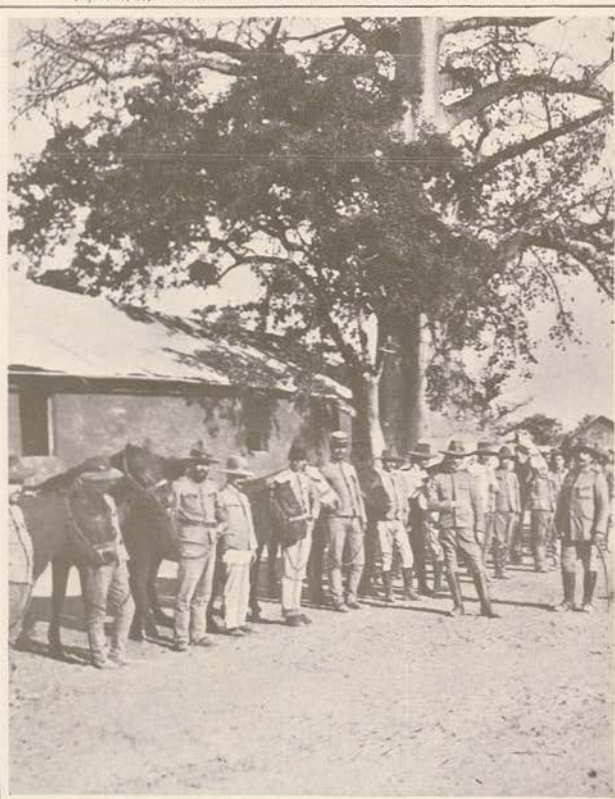
Os nossos soldados, porém,



animados do amor patrio de que tantas vezes teem dado provas, saberão castigar a infamia dos alemães, fazendo-os pagar caro a sua façanha.

Eles não precisarão de outros incentivos para atacarem os inimigos: bastar-lhes-ha a lembrança de vingarem os seus camaradas trucidados e honrarem a sua Patria.

E os proprios indigenas, que se reúnem em volta dos fortes, cooperarão igualmente com os nossos soldados na desforra a tomar, porque muitos d'eles também foram trucidados pelos alemães. As forças portuguezas que atualmente se encontram no Cuamato e as que se lhes vão reunir serão suficientes para infligir uma estrondosa lição aos barbaros invasores, que certamente não terão vontade de atravessar outra vez as nossas fronteiras.



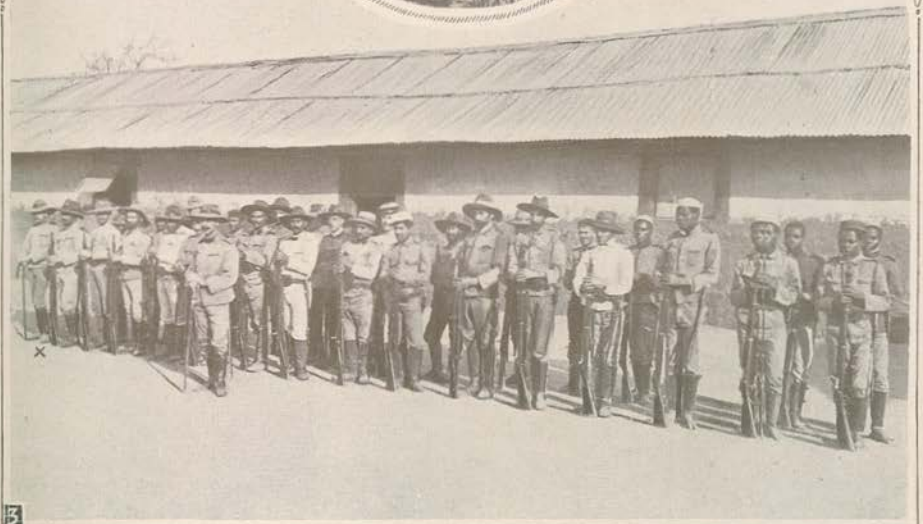
1. Atravessando o Cunene junto do forte Roçadas—2. Revista de solípedes ao esquadrão de dragões no forte do Cuamato



1. Grupo de sargentos de marinha que foram na expedição a Angola: 1. 2.º contramestre Eduardo José; 2.º sargento Francisco d'Araújo; 3. 2.º sargento João Antonio Rodrigues; 4. 2.º sargento Manuel da Cunha Lázaro; 5. 2.º sargento Fernando Augusto; 6. 2.º enfermeiro João Augusto da Silva Pêre; 7. 2.º enfermeiro Ramiro dos Reis; 8. 2.º sargento João Pedro Gaspar; 9. 2.º sargento João Maria da Gloria; 10. 2.º sargento Cesar Augusto; 11. 2.º sargento José Couto do Pinho; 12. 2.º sargento João Lourenço; 13. 1.º enfermeiro Antonio de Sousa; 14. 1.º sargento João da Silva; 15. 1.º sargento Carlos Alberto Alves; 16. 1.º sargento Alvaro Jaime Pereira; 17. 1.º sargento Augusto Pereira da Sil-



va; 18. sargento ajudante Vitorino Adriano de Sousa; 19. 1.º sargento José Antonio Henriques; 20. 1.º sargento Antonio Manuel dos Santos; 21. 1.º sargento Antonio Augusto d'Almeida; 22. 2.º contra-mestre Manuel dos Santos Sousa; 23. 2.º sargento Manuel Pinheiro; 24. carpinteiro Alfredo Rodrigues; 25. 2.º sargento Vasco Vilarinho; 26. 2.º sargento Francisco Inacio Ramalho; 27. segundo contra-mestre Francisco José Lobo; 28. 2.º sargento Cícufate Joaquim Torres; 29. segundo contra-mestre Silvestre Antonio; 30. segundo contra-mestre Leonardo; 31. 2.º sargento José Correia d'Azevedo; 32. 2.º sargento Jeronimo Pedro Vilarinho



2. Cassimba e forte do Oloquero, onde acamparam os alemães, a cujo encontro marchou o alferes Manuel Sereno com as suas tropas.—3. No forte do Cuamato: A segunda companhia europeia, vendo-se à direita x o primeiro sargento Cabral, morto no Cuangar na primeira invasão alemã—[«Clichês do distinto oficial! tenente-coronel sr. Carolino Acacio Cordeiro, gentilmente oferecidos à «Ilustração Portuguesa».

# Uma encantadora festa íntima

O sr. Antonio Castanheira de Moura, o ativo e inteligente industrial que toda Lisboa conhece pelas



suas grandes iniciativas, ofereceu na sua bela propriedade do Lumiar uma festa aos seus amigos, entre



*As senhoras que dispuseram a mesa*

os quaes havia muitos operarios, que em numero superior a quatrocentos ali passaram um delicioso dia.

O motivo d'essa festa foi o 32.º aniversario da sua chegada a Lisboa, onde, pelo trabalho, tanto tem prosperado, e para celebrar as melhoras de sua esposa e sogro que ultimamente estiveram doentes.



*A esposa do sr. Castanheira de Moura dispondo as flores para embelezar a mesa*

*O sr. Castanheira de Moura dirigindo os serviços da cozinha*



*Os convidados do sr. Castanheira de Moura. — («Clichê» Benotiel),*

# O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continúa a combater-se sob a neve que cae aos farrapos e com os pés enterrados n'um solo empapado do gelo que se funde. De vez em quando faz-se uma sortida das trincheiras, que é o início de uma grande refrega, pelos elementos que intervêm sucessivamente, de parte a parte. Ha ações que começam por escaramuças e terminam em verdadeiros combates. Quando menos se espera, aos primeiros tiros saem, como por encanto, do chão, das florestas, da penedia, milhares de homens, baralhando-se n'uma luta medonha, que não ha neve nem chuva que faça suspender.

E continuar-se-ha, sabe Deus por quanto tempo!

N'estes dias o que está despertando mais interesse é a luta no oriente e a fervura que vae nos paizes balkanicos, mais abeirados do conflito. Supunha-se que os turcos, depois da formidavel derrota que sofreram no Caucaso, se limitassem a uma defensiva cautelosa; mas assim não aconteceu. Propõem-se nada mais nada menos do que invadir o Egypto!

Ha muito que telegramas de ori-

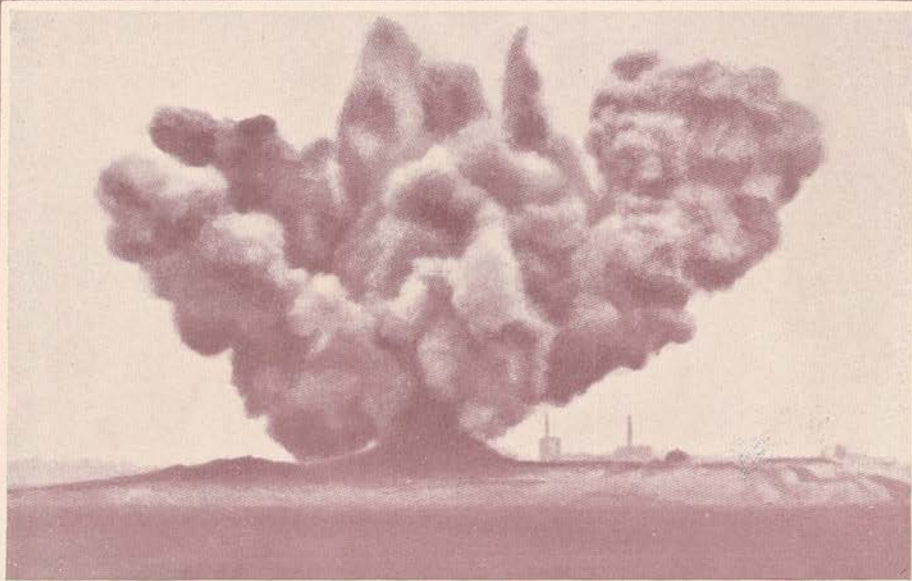


1. Na Flandres: Uma sentinela ingleza com a sua guarita decorada nos dias de Natal e Ano Bom... («Cliché» Chusseau Flaviens)—2. Luta desesperada entre austriacos e russos sob uma tempestade de neve

gem alemã falam n'esta projetada aventura, e como estando já assegurados os meios da passagem do Suez, obstruindo o canal em alguns pontos. E' mais um dos mil planos formados pelos alemães e que teem falhado. Tanto assim que os officiaes do kaiser que estão em Damasco querem attribuir tão louco projeto aos proprios turcos, prevendo já um

todas as precauções tomadas para a sua defeza em trabalhos de fortificação feitos pelas tropas britannicas e das poderosas unidades militares que aguardam as hordas otomanas, a estas horas talvez já a caminho da terra lendaria dos Faraós.

Dizem os criticos militares mais conspícuos que eles hão de entrar no Egypto, mas é côm pri-



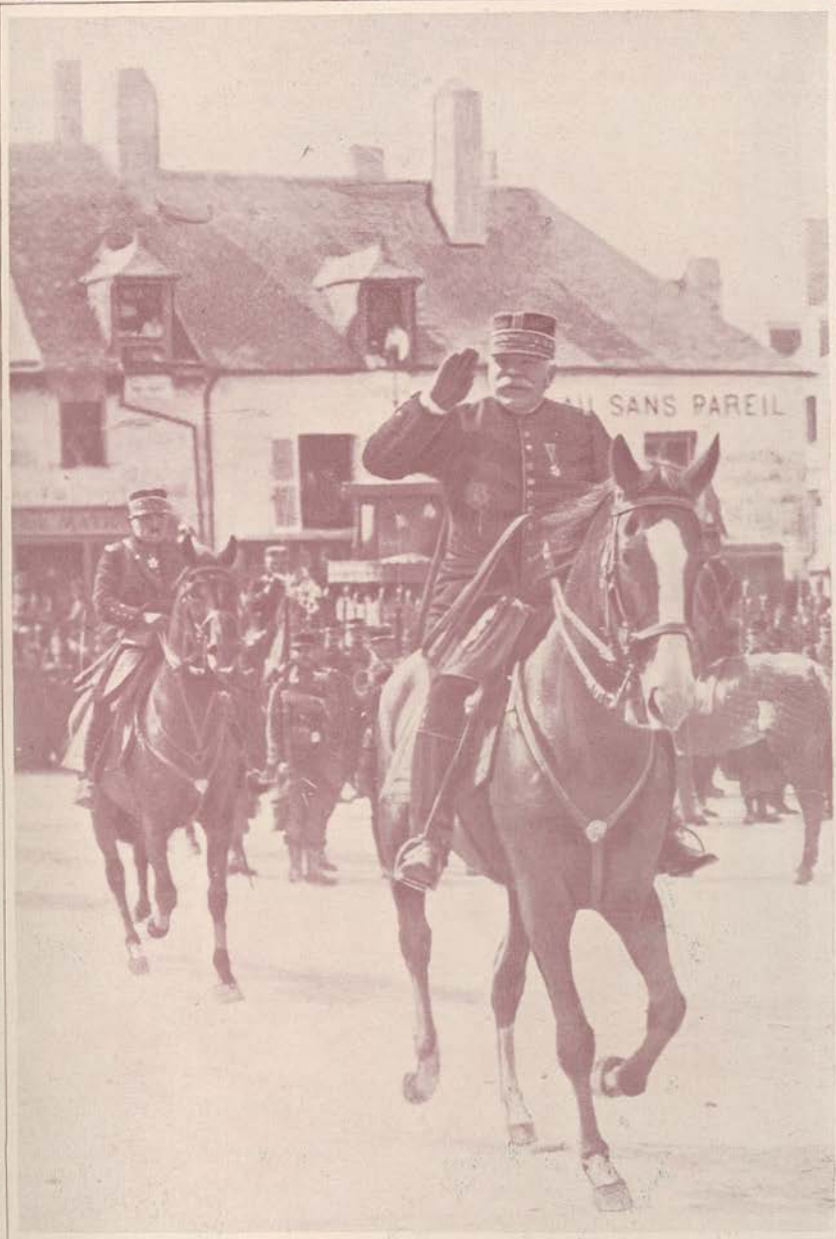
*Explosão de uma granada*

tremendo fracasso. Só quem não passou no Suez e não viu as belas posições de defeza que n'ele se podem tomar é que deixará de rir-se das facilidades com que contam os turcos na travessia do canal. E, se antes da guerra a impressão era de que não seria facil e empreza uma invasão no Egypto, vinda do oriente, hoje antolha-se como irrealizavel, em vista de

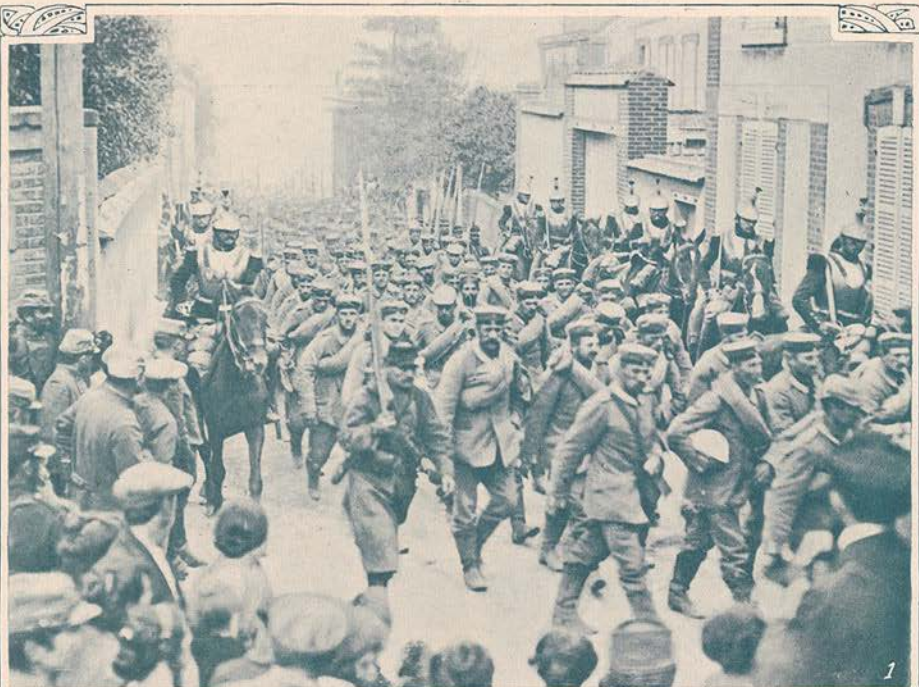
sioneiros de guerra. Tambem o acreditamos piamente, como acreditamos que milhares d'eles nem chegarão ao menos a ter essa sorte, porque ficarão estendidos pelas margens do canal, ou encontrarão sepultura nas suas aguas, indo colorir, arrastados por elas, com o seu sangue o mar onde ele termina ao sul, e que então, de facto, se poderá chamar Vermelho.



*A Cruz Vermelha russa partindo para o campo das operações*



O generalissimo Joffre passando revista a um regimento do general Castelnau em uma aldeia do Somme e saudando a bandeira.



1. Coluna de alemães prisioneiros nos arredores de Reims. — 2. A artilharia francesa em posição na floresta de Argonne. («Clichés» Chusseau-Flaviens).

## ANTES E DEPOIS DA GUERRA



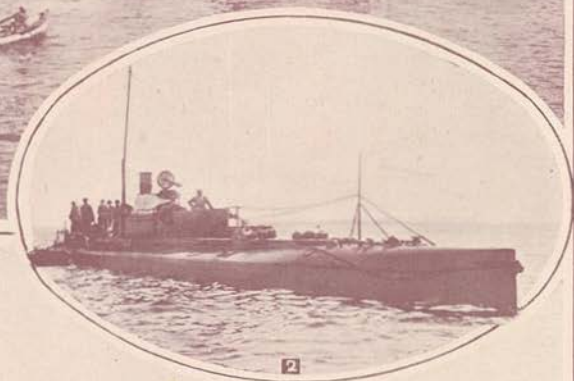
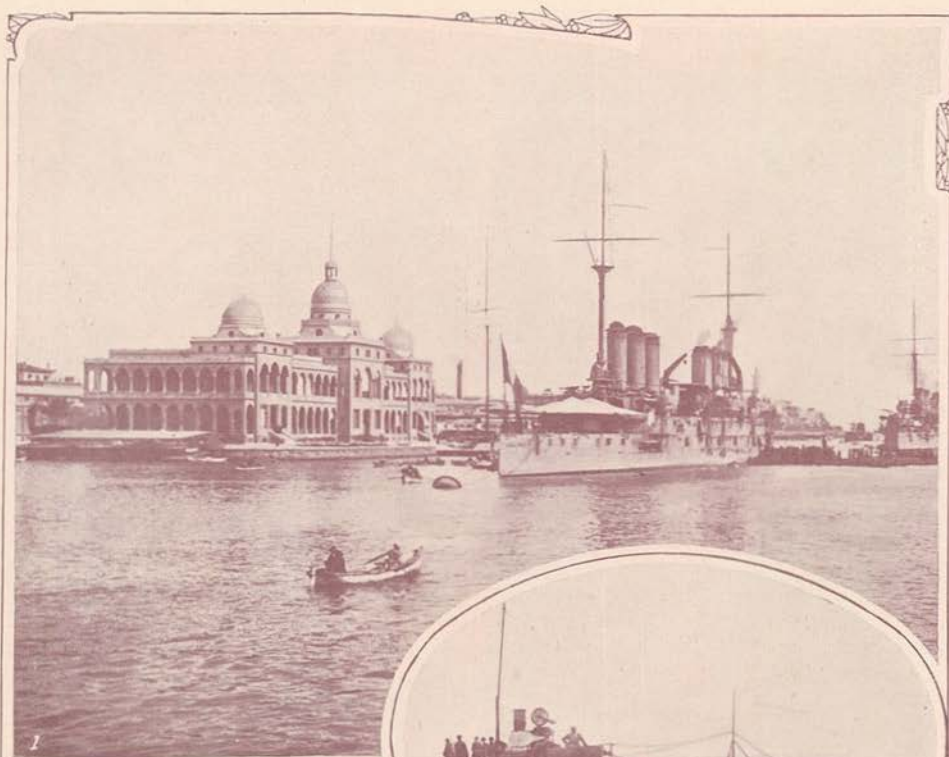
*Retrato de Guilherme II tirado em janeiro de 1913*



*O ultimo retrato de Guilherme II no seu quartel general (dezembro de 1914).*



*campo por onde passou a cultura alemã*



1. 2. 3. Aspetos do canal de Suez, para onde os turcos se dirigem comandados pelos alemães.  
(«Clichés» Chusseau-Flaviens).



*Na Flandres: Artilharia inglesa em ação, vendo-se um soldado que acaba de cair morto e outro que, pensando de uma ferida na cabeça, retoma corajosamente o serviço.  
(«Cliché» Chusseau-Flaviens).*

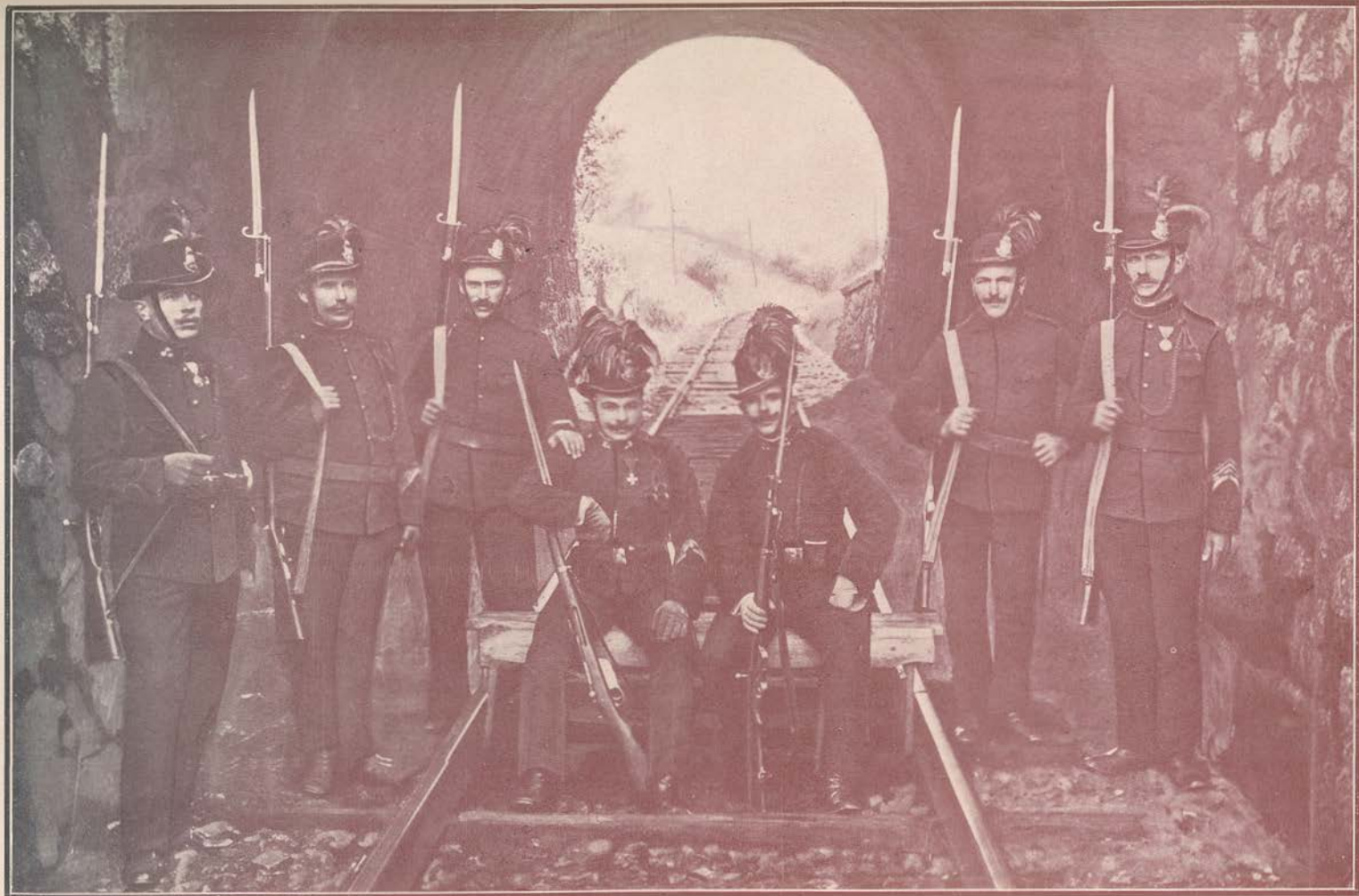
PARTIDA DE TROPAS PORTUGUEZAS PARA ANGOLA



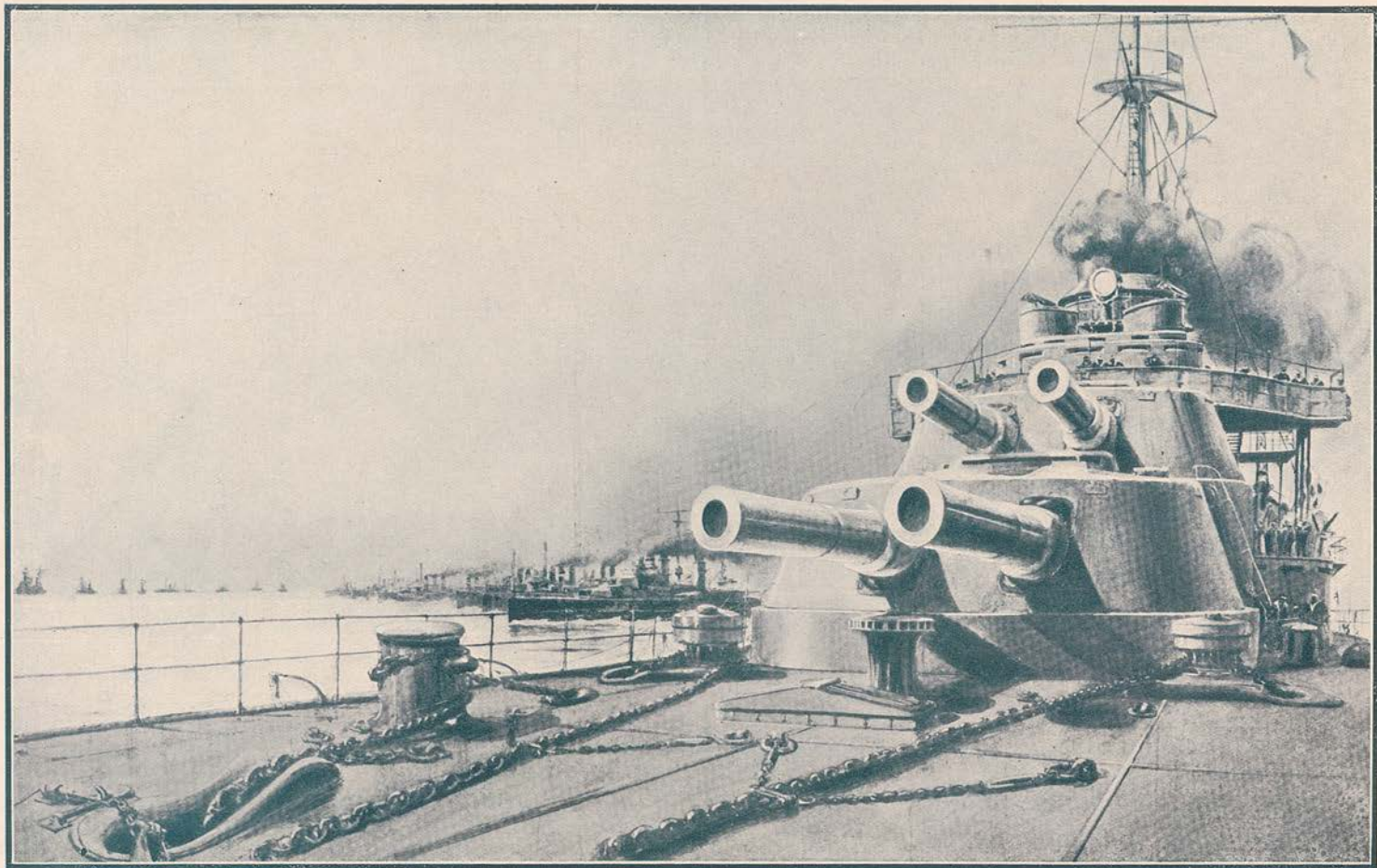
*Uma multidão compacta de povo na ponte do Arsenal ovaciona os expedicionários na ocasião do embarque para bordo do Moçambique. — («Cliché» Benoit).*



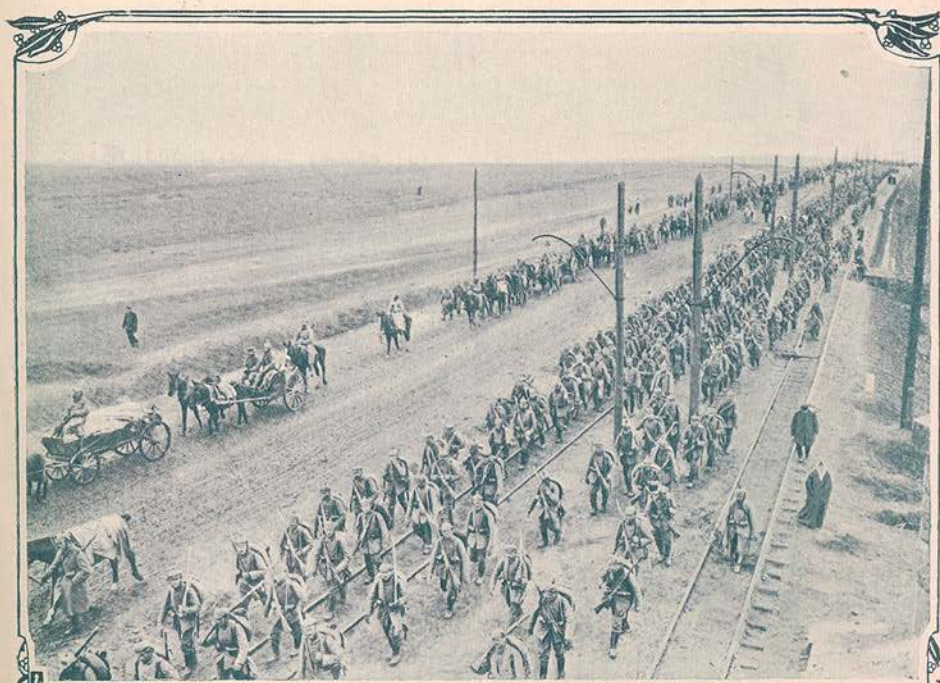
1. Fugitivos servios de regresso à sua pobre aldeia em ruínas.—2. Vida despreocupada n'uma trincheira alemã.



*Gendarmes da Hungria guardando as linhas ferreas dos Carpathos*



*A tolda do couraçado Courbet, navio almirante da esquadra francesa do Mediterraneo, vendo-se ao fundo as diversas unidades da mesma esquadra*



1. Coluna alemã em marcha.—2. Passagem de tropas n'um desfiladeiro em Montenegro.  
3. Efeitos de uma granada.

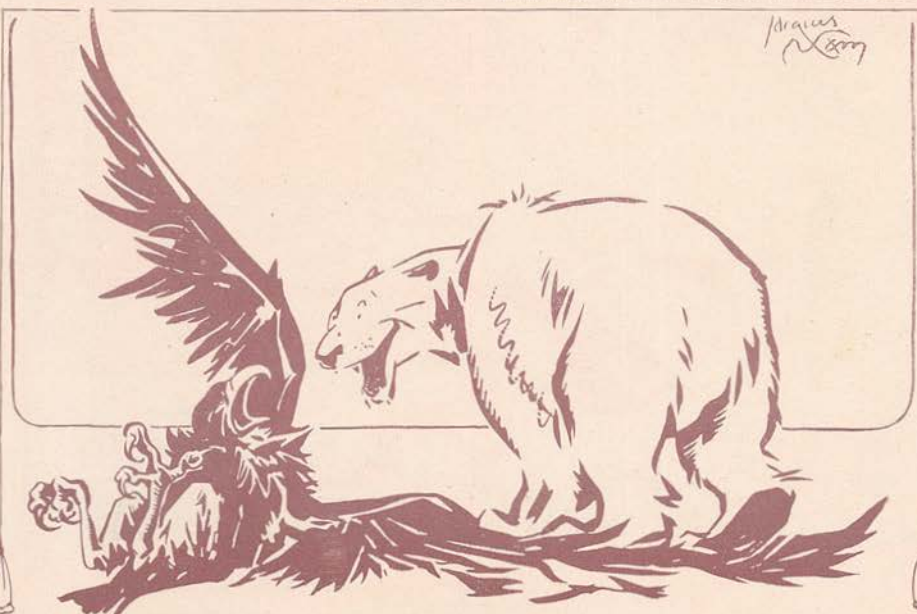
# OS ARTISTAS E A GUERRA



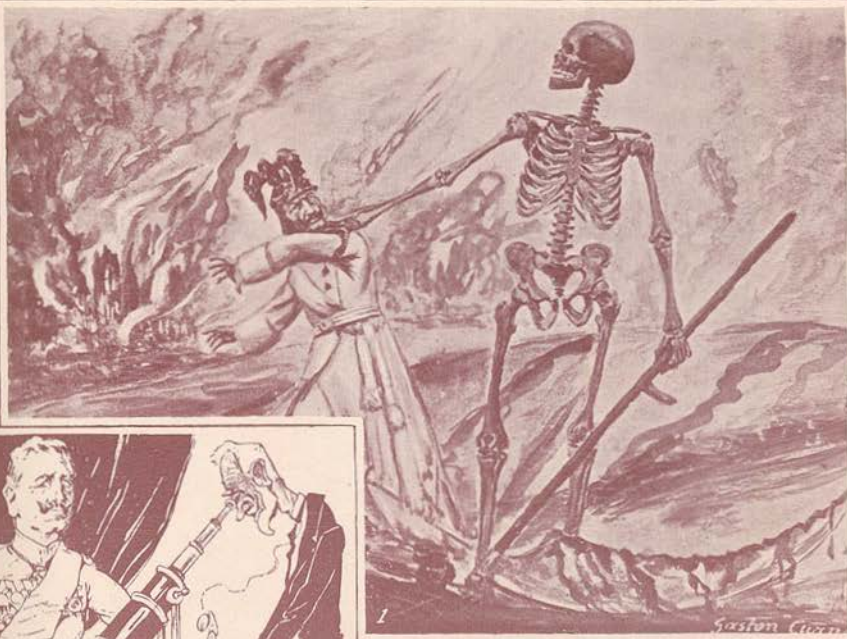
Meu tenente, também é preciso meter na caixa as mãos cortadas á pequenita ? (HERMANN PAUL).



Despojos roubados e enviados por um alemão á familia.—Os sapatos não servem á Hermann, nem as luvas á Doroteia. Mas o expedidor não mandará outros por que teve a sorte que merecia.—(L. MORITZ).



O urso para a aguiá: Tu já gellas, e afinal eu ainda só te piso uma asa!—(JACQUES NAM).—(De «La Grande Guerre par les Artistes»).



1. A morte para o kaiser: Já operei demais por tua conta ;  
agora vem comigo. — («Tich» Branger).

2. O kaiser para o chanceler: Olha lá pelo oculto a ver se des-  
cobres algum país que ainda nos queira acudir. — (Do Mucha).



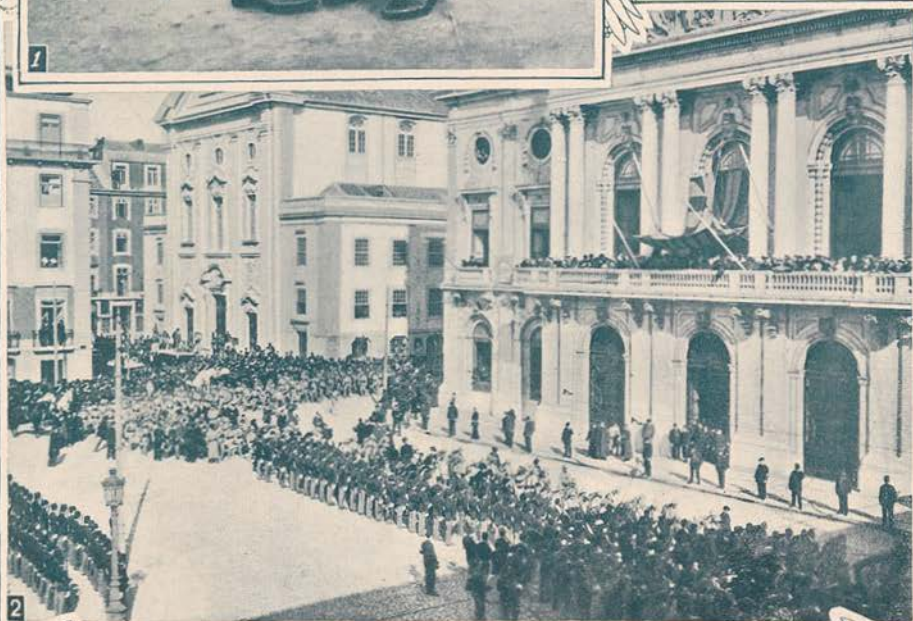
A mosca (Jornal Mucha): Oh sr. alemão, em quanto você faz buraquinhos em França, chega do oriente  
alguém com quem você se vai ver deveras atrapalhado.

# SOLDADOS PORTUGUEZES PARA A AFRICA



Mais uma coluna de dois mil homens foi juntar-se aos nossos bravos soldados que no Sul da Africa combatem pela integridade da Patria. Lisboa prestou a mais emocionante manifestação de sympathia á nova expedição, que atravessou as principais arterias da cidade sempre debaixo de flores que as senhoras das janelas lhe atiravam, e aos gritos unisonos de «Viva a Patria! Viva o exercito! Viva a Republica!» que as enormes colunas de povo, postado pelos passeios, soltavam á sua passagem.

Nem uma sombra de desfalecimento se notava n'aqueles homens que partiam convictos de que iam cumprir o mais sacrosanto dever civico, que se impõe aos filhos de uma nação! A estes a alegria se lhes estampava nos rostos, correspondendo tambem aos vivas que muito os animavam e lhes demonstravam o reconhecimento dos que ficavam pelos atos de heroicidade que hão-



1. O comandante de infantaria 18, do Porto, o coronel sr. Simas Machado, abraçando todo o corpo expedicionario na pessoa do seu comandante maior sr. Mourão. — («Cliché» do sr. Alvaro Martins).—2. Os expedicionarios desfilando na praça do Municipio ante o chefe do Estado, que assistia da janela da Camara Municipal á partida das tropas. — («Cliché» Benoit).



Um aspecto do Tejo visto de bordo dos vapores Moçambique e Zaire na ocasião da largada.  
(«Clichés» Benotiel).

de cometer na peleja contra um inimigo que desconhece os mais rudimentares preceitos de humanidade, que mesmo na guerra devem ser mantidos.

O chefe do Estado, que de uma das janelas da Camara Municipal assistiu á passagem das colunas expedicionarias, recebeu não só a homenagem militar que pelo seu elevado cargo lhe era devida, mas também as homenagens do povo que coalhava o largo do Pelourinho, e que enchia os ares com vivas estridentes á Patria e á Republica.

A partida d'estes expedicionarios foi co-



2. A apresentação da bandeira de infantaria 18, no Porto, ao batalhão expedicionário. — 3. O coronel sr. Luz x antigo comandante de infantaria 18, assistindo, com outros officiaes, á revista do batalhão expedicionário no Porto.

(«Clichés» do sr. Alvaro Martins.

berta de entusiasmos que difficil se torna descrever. Que o seu regresso dê motivo a expansões muito mais delirantes ainda são os votos dos que aqui ficam seguindo com anciedade todos os trabalhos de defeza das nossas terras de além-maar, que devemos defender como se fosse o proprio torrão em que nascemos. A isso nos obrigam as gloriosas tradições que nos feoram legadas e os interesses mais vi-  
taes do paiz.



1. Uma patrulha de hussards atravessando um rio.

2. N'uma trincheira alemã.



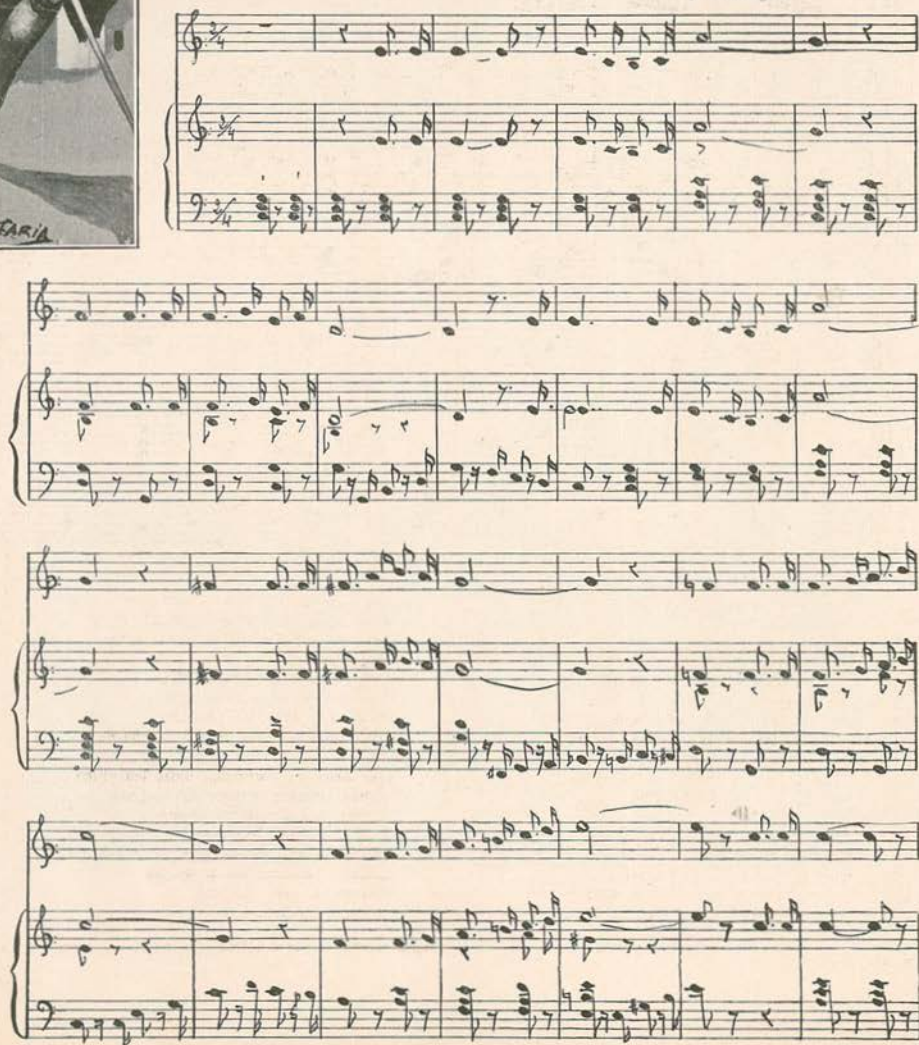
3. Ilha de Malta, onde está prisioneiro o celebre capitão Muller, comandante do Emden, e que é o centro de operações de uma das esquadras inglesas do Mediterraneo.

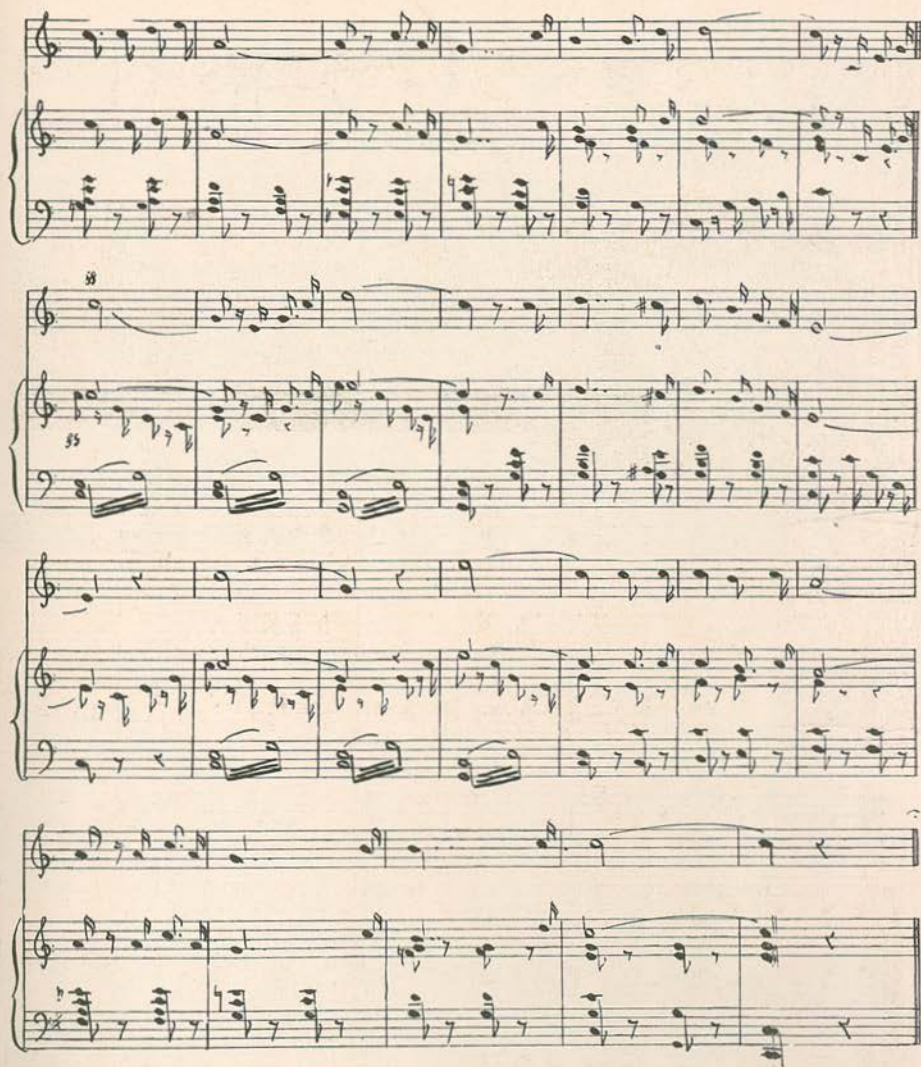


*Tropas alpinas em descanso nas trincheiras. — («Cliché» Branger).*



*Um destacamento de metralhadoras francesas caminhando para a frente da batalha*





E'coutez, c'est un cri de guerre  
Qui retentit dans le lointain,  
L'éclair jaillit et le tonnerre  
Gronde aux sommets de l'Aventin.  
Ce sont les Allemands en armes  
Qui s'avancent en ennemis  
Pour plonger notre cher pays  
Dans le sang, le deuil et les larmes

#### REFRAIN

Le canon tonne à la frontière  
Debout, oh peuple souverain!  
France! France! lève-toi tout entière  
Fils des Gaulois, au Rhin! au Rhin!

Nous irons dans les Allemagnes  
Vaincre et montrer avec fierté  
Dans les villes dans les campagnes  
Le drapeau de la liberté!  
Après la victoire prochaine,  
En dépit de leurs dictateurs,  
Nous serons les libérateurs  
Des peuples qu'on tient à la chaîne.

Que dans les hameaux, dans les villes  
Quand viendra le jour du combat,  
Cessent les discordes civiles  
Et que tout se fasse soldat!  
Quand la voix du sang nous lte crie,  
Quand s'ouvrent les hostilités,,  
Faisons de nos rivalités,  
Le sacrifice à la Patrie!



# Figuras e Factos



Aspeto da interessante exposição de desenhos e pintura dos alunos do distinto professor sr. Julio Pina, no atrio da Misericórdia do Porto.—(«Clichê» do sr. Aurelio Paz dos Reis).—No medalhão o professor sr. Julio Pinto.



O sr. Napoleão de Sousa.

**A favor da Cruz Vermelha.**—Promovida pelo sr. Pedro Castelo e sua esposa, proprietários do Hotel Paris em Benguela e a favor da benemerita Cruz Vermelha, realizou-se uma sessão animatografica no «terrasse» do mesmo hotel, á qual concorreram todas as pessoas de representação ali residentes. O sr. Pedro Castelo teve a cooperação de gentis senhoras que se encarregaram da passagem dos bilhetes e que animaram com a sua presença a altruista festa, que rendeu 76\$86 escudos. Esta quantia foi enviada ao «Seculo», que d'ela fez entrega á humanitaria sociedade, realisando assim os desejos dos promotores da festa, que tiveram n'ela o concurso prestimoso do sr. Napoleão de Sousa, illustre diretor da alfandega d'aquella cidade.



O sr. José Epifanio da França.



A comissão de senhoras que fez a passagem de bilhetes. Da esquerda para a direita: As sr.<sup>as</sup> D. Josefina Etelvina Vieira e Sousa, D. Maria da Conceição Beltrão, D. Josefina Vieira e Sousa, D. Olga d'Aguiar, D. Maria Pilar Barros e D. Maria Bragança Araújo Leite



As sr.<sup>as</sup> D. Aida de Oliveira e D. Amelia de Abreu Castelo.  
(«Clichê» do distinto fotografo sr. João L. Carreira).



1. O sr. Alvaro Teófilo Ferreira del-Negro, um dos mais queridos atletas portugueses, falecido em Lisboa com 23 anos apenas.—  
2. O general de brigada reformado sr. António de Castro Guedes, o decano dos oficiais portugueses, falecido há dias em Lisboa. Contava 91 anos. Comandou os regimentos de caçadores 2.º, 6.º e 8.º e era condecorado com várias ordens.  
3. O general de brigada sr. Eugenio Carlos Vaz Soares, reformado desde 1892, fale-



cido há pouco em Lisboa. Entre outras condecorações possuía a medalha de prata de bom comportamento militar. Comandou caçadores 8.º e infantaria 2.º, 4.º e 22.º.  
4. O sr. dr. José Manuel Pila Simões, maior medico reformado desde 1897 e falecido há dias em Lisboa. Contava 78 anos de idade, sendo um medico muito distinto. Era condecorado com a extinta ordem de Aviz.  
5. O capitão sr. Manuel Ribeiro, que faleceu em Coimbra quando ia a caminho de



sua casa e regressava da estação de caminho de ferro de despedir-se das pracas do 2.º grupo da companhia de saúde que foi para Angola na ultima expedição.  
6. A sr.ª D. Adelaide Camilla Meira, virtuosa esposa do sr. António J. Meira, capitalista e proprietario em Campo Maior, onde faleceu.  
7. A sr.ª D. Elvira Parga Ramos, distinta professora do sexo feminino em Oeiras, onde faleceu e onde era muito estimada pelas suas raras qualidades de caracter.  
8. O sr. Agostinho Cândido de Sousa Loureiro, considerado capitão-lata, falecido em Lisboa.

9. O sr. Sebastião Rodrigues, proprietario em Aldegalega, onde faleceu na idade de 85 anos.  
10. O sr. Francisco Ortiz, dentista hespanhol ha muitos anos residente em Lisboa, falecido ha dias.  
11. O sr. Joaquim de Souza Palmeiro, proprietario e avaliador judicial em Tavira, onde acaba de falecer.  
12. O sr. Carlos Costa, falecido em Lisboa, contava 68 anos e era o proprietario da antiga Chapelaria Costa no Rocio.  
13. O sr. António Maria de Matos, proprietario e estimado farmaceutico em Portalegre, onde faleceu.



O sr. Santos Lucas, autor do livro de versos NEVROSES DO SUL.

MEMBROS DA LIGA DE BENEPLACENCIA ESCOLAR DA POVOA DE VARRIZIM: sentados da esquerda para a direita, os srs. Candido A. Lindou, dr. J. Trucado e D. Cunha; em pé: tambem da esquerda



O sr. António Augusto Craveiro, autor do quadro dramático em verso MARILIA.

para a direita, os srs. Joaquim Martins da Costa Junior e José Avelino Barros).

do Rosario Junior.—(Cliché) do distinto fotógrafo amador sr. Avelino Barros).



# TEATROS



O ator Joaquim Costa



O ator Carlos Santos



A atriz Palmira Bastos



O ator Inácio Peizoto

Interpretes da peça «O Coração Manda», em cena no Teatro Nacional.

## «O Amigo Fritz» no Teatro de S. Carlos

«Eduardo Brazão escolheu, este ano, para a noite da sua festa artistica, a representação do velho *Amigo Fritz*, de doce e estimada memoria. O Teatro de S. Carlos encheu-se e tomou, n'essa recita, o aspecto das suas noites de emoção e d'arte—lindos colos de mulheres refulgindo no branco e oiro da sala. *O Amigo Fritz* é uma das mais celebradas comédias do repertorio de Brazão ou, melhor, do repertorio Rosas e Brazão. Dos interpretes da primitiva parece-me que só Brazão e Augusto Rosa mantem os seus nomes no cartaz—e pôde dizer-se que mantem a gloriosa tradição da peça. Linda comédia *O amigo Fritz* que envelheceu, porque tudo envelhece n'este mundo, mas que, nos seus cabelos brancos, conserva ainda a graciosa ternura que tanto encantou Zola! Como aquele teatro é belo e repousado, espirituoso e doce, no meio do torvelinho do moderno repertorio francez!

Brazão tem no *Amigo Fritz* uma das suas corças de gloria. Ator de tragedia, ainda hoje o nosso maior e melhor galã dramatico, Brazão é grande na criação dos tipos de comedia. A ressurreição das figuras do seu antigo repertorio, iniciada já no ano passado com o *Bibliotecario*, evoca a inolvidavel gloria de algumas das paginas mais brilhantes do moderno teatro portuguez.



O ator Eduardo Brazão

que, n'este momento, corre mundo, nos melhores palcos da Europa e da America. Agora coube a vez ao *Duque Casimiro*. Estas operetas modernas tem a vantagem de não serem melhores nem piores umas do que outras. *O Duque Casimiro* agradou. Tanto basta. Dê-nos os *duques* que quizer, a companhia Caramba agrada sempre.

## «A Ferro e Fogo» no Teatro Apolo

O Porto visita-nos, em companhia de revista—e, por sinal, uma discreta, embora modesta, companhia e uma agradável, embora pequena, revista. Ha algumas plasticasinhas que nos fizeram saudades do Norte; alguns ditos de fresca e boa larcha; bastante patriotismo, sob todos os aspectos literarios e femininos—e uma musica com todo o *sol e dô* costumado.

(Ilustrações de Hippolyte Colomb)

NOTA: Na cronica passada, 38 linha da 2.ª columna, um lapso deixou um «pelos» onde devia haver um «aos». Barbele-se es-le «pelos», ponha-se o «aos» no seu logar—e não se fala mais n'isto.



Chaby Pinheiro e Leonor Faria, interpretes da peça «O senhor Brotonneau»

## «O Duque Casimiro» no Coliseu dos Recreios

A companhia Caramba continua a dar-nos, em suntuosas *mise-en-scenes*, todo o repertorio d'opereta e opera comica